

ÁFRICA: TERRA DE CONTRASTES¹Mario Gustavo Alves da Silva²Edzônia Vasconcelos de Lima³Hugo de Oliveira Monteiro⁴Pablo Nascimento da Silva⁵José Alves**Resumo:**

Muitas pessoas conhecem a África pela sua extrema pobreza e miséria, porém poucos sabem o porquê disso. Diante disso, nosso objetivo é analisar os processos históricos do continente africano do imperialismo aos dias atuais, através de uma revisão bibliográfica e análise de dados, para entender qual é a posição da África na nova Regionalização do espaço mundial. Nas discussões, abordaremos um pouco de como o processo histórico desencadeou conflitos internos e como isso influenciou no desenvolvimento tardio daquele continente.

Palavras-chave: África. Conflitos. Regionalização.

Introdução

O continente africano é amplamente conhecido pelas suas belezas naturais, principalmente quando se refere à grandiosa vida selvagem. O contraste da pobreza e riqueza também é muito visível por toda sua extensão continental, sendo caracterizado principalmente pelas péssimas condições de vida em muitos países. O termo “*berço da humanidade*” é dado em razão da África abrigar uma das civilizações mais antigas e intrigantes do globo, os *egípcios*, que formaram um poderoso “império” a 4 mil anos atrás.

O objeto de estudo é o continente africano e nosso objetivo central nesta produção foi analisar os processos históricos do continente, do imperialismo aos dias atuais, para entender qual é a posição da África na nova Regionalização do espaço mundial. Como procedimento metodológico, fizemos uma revisão bibliográfica e análise de dados em sítios eletrônicos, revistas e livros que foram essenciais para a elaboração do trabalho.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia e Bolsista Grupo PET Geografia da Universidade Federal do Acre. E-mail: mr.gustaavo@hotmail.com

² Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Acre. E-mail: edzoniv@hotmail.com hugooliveira2992@gmail.com

³ Graduado do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Acre. E-mail: hugooliveira2992@gmail.com

⁴ Graduado do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Acre. E-mail: silvapablosilvapablo@gmail.com

⁵ Prof. Dr. da Universidade Federal do Acre, coordenador do curso de Licenciatura em Geografia, Tutor Grupo PET Geografia. E-mail: bairral@hotmail.com

Imperialismo da África: a dominação europeia a partir do século XIX.

Usado como uma estratégia política e de dominação capitalista, o imperialismo esteve presente no século XIX em várias regiões do mundo, entre elas na África. Essa estratégia foi a expansão, domínio territorial, cultural, econômico e político. As nações capitalistas da Europa usaram o cenário da segunda revolução industrial para implantar uma nova forma de colonização, ou o que podemos chamar de neocolonização. Dessa vez, o objetivo era impor um estilo de vida entre as nações subdesenvolvidas, essas nações poderosas procuravam ampliar o controle sobre os países e povos mais pobres.

Foi a partir da metade do século XIX que essa neocolonização, começou a acontecer, as nações europeias começaram a impor sua presença no continente. As nações ricas estavam interessadas principalmente na grande descoberta de diamantes na África do Sul e na abertura do Canal de Suez. A partir de 1869, a Europa entendeu a importância econômica da África e passou a explorar o continente. Isso deu início a uma disputa entre os países europeus para controlar os territórios.

No período, foram feitos acordos e estratégias militares para conquistar o território africano. O continente africano passou a ser dominado pela Grã-Bretanha, Alemanha, França, Portugal, Holanda e Bélgica. A entrada de novos países europeus no cenário de dominação do continente africano causou uma imensa fragmentação das comunidades e das culturas nativas, a exploração passou a ser guiada pelos interesses ligados às riquezas naturais como ouro, cobre e diamantes.

Os povos europeus tinham grande supremacia no processo de conquista imperialista no continente africano. A capacidade de tais países, pelo crescimento conquistado ao longo dos séculos com base na exploração, era inegável e oferecia condições de enfrentamento com grande poderio. As comunidades africanas, contudo, não deixaram de enfrentar os europeus, é bem verdade que a derrota era quase inevitável, mas o processo de dominação imperialista na África não foi tão fácil quanto se pode parecer.

Já entre os países europeus, as disputas por territórios imperialistas no continente africano, onde se pudesse explorar as riquezas e estabelecer a influência ideológica, foram motivo de atritos. As tensões entre as novas potências europeias foram crescendo gradativamente, em simultaneidade com a intensificação do processo de dominação. O

ambiente se tornou tão instável que a corrida pela conquista do continente africano e também do asiático foi um dos motivos para a eclosão da Primeira Grande Guerra Mundial em 1914.

O Imperialismo na África determinou a repartição do continente entre as potências europeias do final do século XIX e início do século XX. Durante vários séculos o continente foi explorado por colonizadores estrangeiros e até hoje sofre as consequências dessas intervenções.

Em vários casos, a população e os governos não acostumados ao jogo capitalista, cediam para os estrangeiros permissões para explorarem áreas e riquezas de suas regiões. Trocavam sua própria soberania em troca de benefícios oferecidos por essas nações capitalistas.

Para evitar confrontos e guerras, os países reuniram-se em 1884, na chamada Conferência de Berlim⁶, na qual a África foi repartida entre os Estados europeus participantes, a maior beneficiada dessa partilha foi a Inglaterra, que foi contemplada com uma vasta extensão de terra. Descontentes com a divisão e sem mais territórios para conquistar, porque o mundo estava inteiramente dominado, as grandes nações entravam em desacordo e exigiam a revisão da partilha.

O papel da África durante a Segunda Guerra Mundial.

É importante notar que quando falamos sobre a Segunda Guerra Mundial, na maioria das vezes, ficamos centrados nos países europeus, mas as consequências das grandes guerras mundiais se espalharam pelas áreas dominadas por esses países. A África teve um papel importante no meio dessa disputa por poder, pois era vista pelo “*nazi-fascismo*” como uma terra de povos inferiores, uma raça de sub-humanos, e isso vai ser combatido dentro da Segunda Guerra Mundial. Era preciso resistir a essas formas de dominação que surgiram dentro da Europa, pois elas seriam extremamente perigosas para o futuro e para o direito à liberdade desses povos que poderiam ser, de alguma forma, afetados por um tipo de dominação extremamente agressiva.

Durante a Segunda Grande Guerra o continente Africano desempenhou papel importante e que muitos autores e livros deixam de lado, esquecidos na história. O processo de

⁶ A Conferência de Berlim, também conhecida como conferência da África Ocidental ou Conferência do Congo, realizou-se em Berlim, de 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885, marcando a colaboração europeia na partição e divisão territorial da África.

ocupação territorial, exploração econômica e domínio político do continente africano por potências europeias tem início no século XV e estende-se até a metade do século XX.

No ano de 1939, início da guerra, o exército da França, país que possuía o maior número de colônias no continente, recrutou cerca de 100 mil africanos para combates na própria França, na Alemanha e na Itália. Contudo, esses africanos, levados para a guerra foram forçados ao serviço militar, maltratados, usados como "linha de frente" e mal compensados quando voltaram.

A presença de africanos nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial e todo o esforço excepcional exigido às colônias para que estas fornecessem matérias-primas estratégicas de que o Ocidente tinha necessidade [...]. O envolvimento dos africanos na luta contra os regimes autoritários não fez mais do que assinalar as mazelas de sua própria situação. (MARY, C.P. 2010, p. 199).

A experiência da guerra foi bastante importante também porque se tornou o “motor” para as lutas por independência, tão presentes no continente africano nas décadas de 1950 e 1960. Os sinais de declínio dos impérios coloniais, somados ao apoio retórico da União Soviética às lutas nacionalistas, estimularam as lideranças africanas a buscar o caminho da independência. Um dos primeiros projetos foi o do *pan-africanismo*, ou melhor dizendo, a tentativa de união de todas as nações africanas. O principal obstáculo do pan-africanismo era a diversidade étnica e cultural do continente.

Dentro do continente africano, existiam, como ainda existem, muitas "Áfricas" ímpares, impedindo as tentativas de aliança dos países africanos. Essa inexistência de uma "identidade africana" deve-se, em grande parte, ao fato de a África ter sido dominada, dividida e explorada por potências que nunca se preocuparam com os traços culturais daquelas populações.

A África na atualidade: dos conflitos às questões dos refugiados.

Após a Segunda Guerra Mundial, muitos países europeus perderam o poder que exerciam sobre o continente africano, logo, diversos países passaram a ter mais autonomia e, conseqüentemente, conquistaram suas independências. Porém, essas independências trouxeram diversos conflitos, se antes a população era subordinada e tinha que se adequar e seguir os

modelos impostos pelos colonizadores, agora eram livres e podiam manifestar-se conforme suas convicções, e isso acarretou diversas lutas pela posse de terra visto que, existiam diversas etnias no mesmo território e obviamente cada uma dessas comunidades tinham suas particularidades e maneiras de apropriação do território.

Entre tantas políticas ditatoriais e conflitos instalados, após o fim da Segunda Guerra Mundial, um dos mais duradouros e de maior repercussão foi o *Apartheid*⁷, política de segregação racial oficializada em 1948, com a chegada no Novo Partido Nacional (NPN) ao poder, na África do Sul. Esse sistema não permitia o acesso dos negros as urnas e os proibia de adquirir terras na maior parte do país, bem como a proibição de circulação em certas áreas, sendo obrigados a viver em zonas residenciais segregadas, uma espécie de confinamento geográfico.

A partir da década de 1950 a oposição ao sistema de segregação intensificou-se, o Congresso Nacional Africano (CNA), organização negra criada em 1912, lançou uma desobediência civil, o que ocasionou diversas manifestações contra o sistema. Em 1960, como forma de repressão aos diversos manifestos, a polícia matou 67 negros que lutavam pelo fim do *Apartheid*, ficando conhecido como o massacre de Sharpeville⁸, provocando protestos em diversas partes do mundo. Como consequência, a CNA foi declarada uma organização ilegal e seu líder, Nelson Mandela, em 1962 foi preso e condenado à prisão perpétua.

Após o fim do império português no continente (1975) e a queda do governo de minoria branca na Rodésia, atual Zimbábue (1980), o domínio branco na África do Sul entrou em colapso. Esses fatores intensificaram as manifestações pelo fim do *Apartheid*, que agora tinham a Organização das Nações Unidas (ONU) como aliada, que tentou dar fim a política de segregação racial praticada no país.

Em 1989, Frederick de Klerk toma posse como presidente da África do Sul, com isso, no ano de 1990 Mandela foi libertado e o CNA recuperou a legalidade. Klerk revogou as leis raciais e iniciou os diálogos com CNA, em 1992 através de um plebiscito só para brancos, o regime de *Apartheid* é instinto com 69% dos votos. Klerk e Mandela ganharam o Prêmio

⁷ Foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1992 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca.

⁸ No dia 21 de Março de 1960, ocorreu na cidade de Sharpeville, na província de Gauteng, na África do Sul, um protesto, realizado pelo Congresso Pan-Africano (PAC). O protesto pregava contra a Lei do Passe, que obrigava os negros da África do Sul a usarem uma caderneta na qual estava escrito aonde eles poderiam ir.

Nobel da Paz em 1993, e em abril de 1994 na primeira eleição multirracial do país, Nelson Mandela foi eleito primeiro presidente negro da África do Sul.

Associado aos interesses internos, alguns países têm elaborado maneiras de coibir a entrada de pessoas indesejadas em seus territórios, os chamados refugiados, que por diversos motivos buscam ou tentam uma nova oportunidade em mudar suas condições de vida. É o caso do Zimbábue com a Botswana, onde existe uma cerca elétrica na fronteira entre os dois países, as autoridades do Botswana afirmam que a cerca serve para evitar a contaminação do seu rebanho por febre aftosa, mas na realidade está cerca serve para coibir a entrada de imigrantes que fogem de problemas econômicos, políticos e de várias doenças como a AIDS, tendo como objetivo principal chegar a África do Sul, país com maiores oportunidades e qualidade de vida.

Em fevereiro de 2011, após décadas de guerra civil, a população do Sudão foi às urnas para decidir sobre uma proposta de emancipação de uma região do país, como resultado desse plebiscito, surge o mais novo país, o Sudão do Sul, com aprovação de 98,8% da população. A paz durou pouco, em 2013 o presidente acusou o vice de tentar um golpe, ocasionando um conflito entre as duas maiores etnias de 64 tribos do país, os *Dingas* e os *Nues*. Esse conflito generalizou-se por todo o país, estimasse que aproximadamente um milhão e setecentos mil “sudanenses” procuraram refúgio nos países vizinhos, quem consegue chegar a fronteira é resgatado por ônibus fretados pela ONU e levado para o campo de Invepi⁹, a porta de entrada para as vítimas da crise humanitária que mais cresce no mundo.

O continente de oportunidades em meio a conflitos.

No final do século XX e início do século XXI, a economia africana passa a apontar um relativo crescimento, com exceção é claro, dos países em guerra. Isso ocorre principalmente devido ao crescimento de investimentos estrangeiros, tendo a China como principal investidor.

Abundantes recursos minerais, como petróleo e gás, explica o interesse estrangeiro, especialmente chinês, consumidor mais voraz de commodities na última década. De fato, a África ostenta grandes reservas de tais riquezas. No tocante ao petróleo, por exemplo, o continente hoje é peça cada mais importante no cenário mundial (MARY, C.P. 2010, p. 207 *apud*. PERRY, 2007).

⁹ Campo de refugiados mantido pela ONU.

ÁFRICA: TERRA DE CONTRASTES

No entanto, devido à crise econômica que afeta boa parte de mundo nesse período, outras potências mundiais voltam seus interesses especialmente para as *commodities* africanas, interesse incentivado pelas políticas locais de suporte as empresas estrangeiras.

A incipiente industrialização do continente está restrita a alguns pontos do território. Isso se dá porque sua industrialização iniciou-se de forma tardia, somente após o processo de descolonização, causando uma grande desvantagem em relação até mesmo a países menos desenvolvidos, mas industrializados, como o Brasil.

No entanto, como já mencionamos, nas últimas décadas, o continente vem se desenvolvendo, especialmente a África do Sul. Sua base econômica está no extrativismo mineral, uma vez que o continente possui um dos mais ricos subsolos e também um vasto cultivo de produtos agrícolas, como mostra o mapa a seguir:



Fonte: <http://biaviagemambiental.blogspot.com.br/2016/12/uma-continente-vivo.html>

Como podemos perceber no mapa, o continente possui grande número de recursos, no entanto, o ainda precário sistema de redes dificulta a exploração dos mesmos pelos países detentores dessas riquezas, deixando-os a mercê do capital internacional. Muitos países estão expandindo suas fronteiras rumo ao rico continente africano.

BRICS¹⁰ – Um recomeço para a África do Sul.

¹⁰ É o nome de um conjunto econômico de países considerados "emergentes", formado atualmente pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Embora o continente africano tenha ainda muitas dificuldades para se desenvolver economicamente, há casos de crescente sucesso, como o da África do Sul. A inclusão do país ao BRIC (grupo até então formado por Brasil, Rússia, Índia e China países considerados em desenvolvimento e industrializados), torna o grupo econômico ainda mais forte, e a representatividade geográfica formada a partir da entrada do novo membro torna o grupo ainda mais valioso.

O fortalecimento do grupo surge em meio a um novo cenário econômico mundial, momento de crise, em que os olhares das grandes potências mundiais e suas conflitantes competições, se voltam justamente para a Ásia, África e América Latina.

Apesar dos números da África do Sul serem menores em relação aos outros países membros do bloco, sua entrada no bloco, juntamente com a criação do Banco de Desenvolvimento dos BRICS, possibilita que o restante do continente tenha um olhar diferenciado ao país, que se torna a porta de entrada para o desenvolvimento tecnológico, científico e de infraestrutura que o continente necessita.

Considerações finais

Com o fim da colonização europeia, e do *Apartheid*, o continente africano começa a desencadear o seu processo de desenvolvimento, social, econômico e político.

Contudo, pode-se perceber que esse processo se torna longo e difícil tendo em vista que, o processo de colonização deixou marcas por não considerar as divergências que existiam dentro do continente, tais como cultura, etnias e costumes. E isso é perceptível até os dias de hoje, pois como podemos acompanhar o território é marcado por conflitos.

Apesar de possuir inúmeros recursos, o continente não consegue se desenvolver sem o apoio do capital internacional e, para tanto, oferece subsídios para entrada de empresas que continuam a exploração iniciada séculos atrás. Assim, criam-se novas oportunidades para que os países desenvolvidos possam expandir suas fronteiras.

A entrada da África do Sul no BRICS fortalece não apenas os outros membros dos grupos, mas também dá maior visibilidade ao continente.

O fim do *Apartheid* reinseriu a África do Sul no cenário político-econômico mundial, o país se tornou um porta-voz do continente, contudo há um replanejamento de mercado por parte das potências tradicionais, EUA e alguns países da Europa, e das novas

potências, China, Índia e Brasil, que investem na África do Sul e em todo o continente africano, tais investimentos, apesar de trazerem benefícios econômicos, têm como objetivo principal o crescimento e o desenvolvimento das potências e não a recuperação dos países africanos, agravando antigos problemas como guerras civis e pobreza.

REFERÊNCIAS

Bia viagem ambiental. **Um bom Natal África!** Disponível em: <http://biaviagemambiental.blogspot.com.br/2016/12/uma-contidente-vivo.html>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BRICS. **Informação sobre o BRICS.** Disponível em: http://brics.itamaraty.gov.br/pt_br/sobre-o-brics/informacao-sobre-o-brics. Acesso em: 24 ago. 2017.

CUNHA, Luciana Lima Da. Reflexões da era apartheid e pós-apartheid na comunicação contemporânea. UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. São Paulo, 2012.

DW.COM. **África na segunda guerra mundial: um capítulo esquecido.** Disponível em: <http://www.dw.com/pt-002/%c3%a1frica-na-segunda-guerra-mundial-um-cap%c3%adtulo-esquecido/a-18437591>. Acesso em: 22 ago. 2017.

FRANCO, Cayo De Oliveira. Petróleo e geopolítica na África subsaariana. **Associação dos geógrafos brasileiros**, Porto Alegre, n.11, p. 111-222, jun. 2010. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idtrabalho=2853. Acesso em: 18 ago. 2017.

G1.COM. **Campo de refugiados em Uganda recebe 3 mil novos moradores por dia.** Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/05/campo-de-refugiados-em-uganda-ja-abriga-mais-de-900-mil-sudaneses.html>. Acesso em: 18 ago. 2017.

HERNANDEZ, Leila M. G. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Bem-vindo à África.** Disponível em: <http://diplomatie.org.br/bem-vindo-a-africa/>. Acesso em: 21 ago. 2017.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Os desafios do continente africano para os objetivos do milênio.** Disponível em: <http://diplomatie.org.br/os-desafios-do-contidente-africano-para-os-objetivos-do-milenio/>. Acesso em: 18 ago. 2017.

MACEDO, José Rivair. História da África. São Paulo: Contexto, 2013.

MARY, Cristina Pessanha. **África: Integração e Fragmentação.** In: Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporânea. Rogério Haesbaert (ORG). Editora da UFF. 2ª Edição. Niterói. 2013. p. 193-217.

ONU.BR. **A ONU e a África.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/africa/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

TV CULTURA. **O terceiro mundo - África.** Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/aloescola/historia/guerrafria/guerra10/terceiromundo-africa.htm>. Acesso em: 21 ago. 2017.